

A construção do ator: do sógnico ao simbólico

I. Assis Silva

Estas são as linhas gerais de uma hipótese que vimos desenvolvendo segundo a qual o *ator* é construído pelos procedimentos discursivos como uma *figura narratológica*, ou melhor, como uma *figura-ator*, a qual, por isso mesmo, surge como o lugar por excelência de constituição da *intersemiotividade*. Com isso queremos significar que os procedimentos discursivos fazem da figura-ator uma instância *semi-simbólica*, onde a disjunção *mundo natural / língua natural* é sincretizada.

O conjunto desses procedimentos é por nós visualizado como um percurso que nos leva do sógnico ao simbólico, ou melhor, como um trabalho de *transformação* que nos leva de um *estado sógnico* a um *estado simbólico*. Não estamos interessados aqui nos símbolos estereotipados (“figés”) como por exemplo /rosa/ “amor”, /cruz/ “cristianismo” /meia-lua/ “islamismo” mas nos símbolos construídos pelo e no texto. Por exemplo, não estamos preocupados com as virtualidades simbólicas que /agulha/ tem em língua portuguesa, mas com os valores simbólicos efetivamente explorados pelo e no *Apólogo* machadiano. Por outras palavras, não nos interessam os símbolos, mas a simbolização, ou seja, o processo de desconstrução de um simbolismo estereotipado para a construção de um simbolismo novo.

Esse trabalho surge como um *ato de linguagem* que nos leva de:

a) um estado lexical —→ estado discursivo.

b) um estado descritivo —→ estado narrativo.

Para transformar a entidade lexical /agulha/ em entidade discursiva, em protagonista do discurso, esse trabalho de simbolização procede a uma verdadeira *refuncionalização* que transforma, por exemplo, a

função *prática* da *superatividade* de /cabeça/ em função *mítica*. Vejam, por exemplo, o que acontece no texto machadiano:

— “Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...” (linha à agulha)

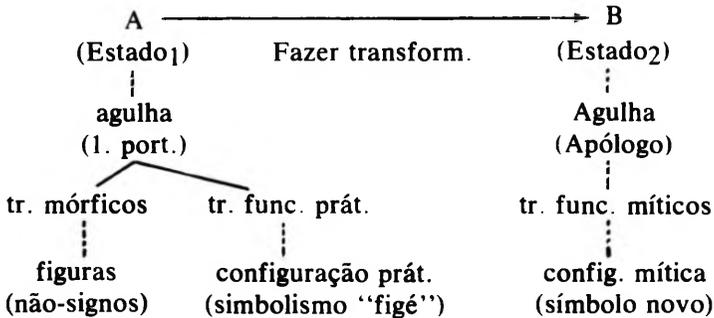
Insistência na função prática: furar o pano;

Insistência na função mítica: unir, dar feição, dar forma.

— “Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...” (agulha à linha)

Insistência na função mítica: posição de comando \cong poder fazer.

Na perspectiva narratológica (do projeto semiótico em desenvolvimento no *Groupe de Recherches Sémio-Linguistiques* da EHESS e CNRS, Paris), essa refuncionalização simbolizadora é suscetível de formulação em termos de sintaxe actancial como a colocação em andamento de um PN (Programa Narrativo), como um *fazer ser* que chama à existência um *novo estado* narrativo. Desse prisma a refuncionalização surge como um *fazer transformador* que incide sobre dois estados:



Distinguem-se na organização do semema (Pottier, Greimas) uma parte constante e uma parte variável e, no interior desta, uma parte feita de semas genéricos — a qual constitui a *base classemática* — e uma parte feita de semas específicos (figurativos) para os quais propusimos reservar o nome de *semas contextuais*

<u>Constante</u>	<u>Variável</u>	
específica	específica → genérica	genérica
cosmológica	cosmol. → noológica	noológica
exteroceptiva	exterocep. → interoceptiva	interoceptiva
aclassesmática	classesmatizável	classesmática
Base sêmica	Semas contextuais	Base classesmática
<extremid> + <superat.>	<verticalidade>	<materialidade>

''cabeça de cachoeira''

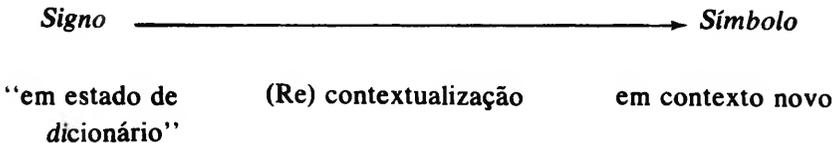
Para Greimas (1966: 65), as figuras sêmicas que constituem o que estamos chamando de *base sêmica*, situam-se no interior do processo de percepção, onde constituem *percepts* puros e representam a face externa da percepção, representando a contribuição do MN (ou melhor de uma semiótica particular) para o nascimento do sentido¹. É desse ângulo que a base sêmica é classificada de cosmológica e exteroceptiva enquanto a base classesmática é classificada de noológica e interoceptiva. A essa luz, o conjunto formado pelos *semas contextuais* assume a característica de lugar ou instância de *mediação* entre o âmbito daquilo que é representado pela base sêmica (digamos, âmbito do Mundo Natural) e o âmbito daquilo que é representado pela base classesmática (domínio do lingüístico, ou melhor, do semiótico por excelência).

Em trabalho anterior (Assis Silva 1975: 178), levantamos a hipótese segundo a qual o trabalho textual propriamente dito teria como ponto de partida a reconfiguração classesmática, o que repercutiria imediatamente e sobretudo na parte variável figurativa (específica). Hoje, tendo em vista a distinção, não polar mas relativa, entre dimensão pragmática e dimensão cognitiva do discurso, pensamos que a incidência predominante sobre o específico ou sobre o genérico não pode ser determinada *a priori*. Tem de ser encarada à luz de uma tipologia de discurso ainda inexistente, mas cuja primeira articulação teria de levar em conta a oposição entre pragmático e cognitivo. Desse ângulo, em discursos que privilegiem a "mundanização" da língua (ou melhor, do semiótico), a incidência maior seria sobre o figurativo, acarretando uma sorte de figurativização do classesmático cujo efeito de sentido seria uma espécie de "mise entre parenthèses" da língua para simular uma apreensão não mediatizada do mundo; em discursos que privilegiem uma "idiomatização" ou melhor, uma semiotização do mundo, a incidência maior seria sobre o classesmático, o que redundaria numa sorte de classesmatização do figurativo, cujo efeito de sentido seria uma espécie de "mise entre parenthèses" do Mundo, uma sorte

de evanescência de sua referencialidade. Com isso, nossa colocação contempla uma tensão entre os dois movimentos sem retirar aos semas contextuais o seu papel discursivo propriamente dito de instância ou lugar de *mediação* entre as duas macrossemióticas: Mundo Natural e Língua Natural. Com efeito, desse ponto de vista, o conjunto formado pelos semas contextuais constituiria, a nível de discurso, o domínio por excelência de manifestação da atividade organizadora que o homem, via LN, exerce sobre o MN. Assim, o trabalho discursivo simula, a cada produção textual, o trabalho de leitura do Mundo pela Língua Natural.

Semas contextuais: domínio por excelência de manifestação da atividade humana de reconfiguração da relação LN x MN.

Visto na distância entre entidade virtual (entidade no sistema) e entidade realizada, o trabalho de construção do símbolo pode ser concebido como um percurso que, partindo do *signo* em “estado de dicionário” (feito de contextos mínimos, ou melhor, de contextos virtuais), procede à sua colocação em contextos atuais, ou seja, *recontextualiza-o*, constituindo assim o símbolo, ou mais precisamente o semi-símbolo (ou signo-símbolo):

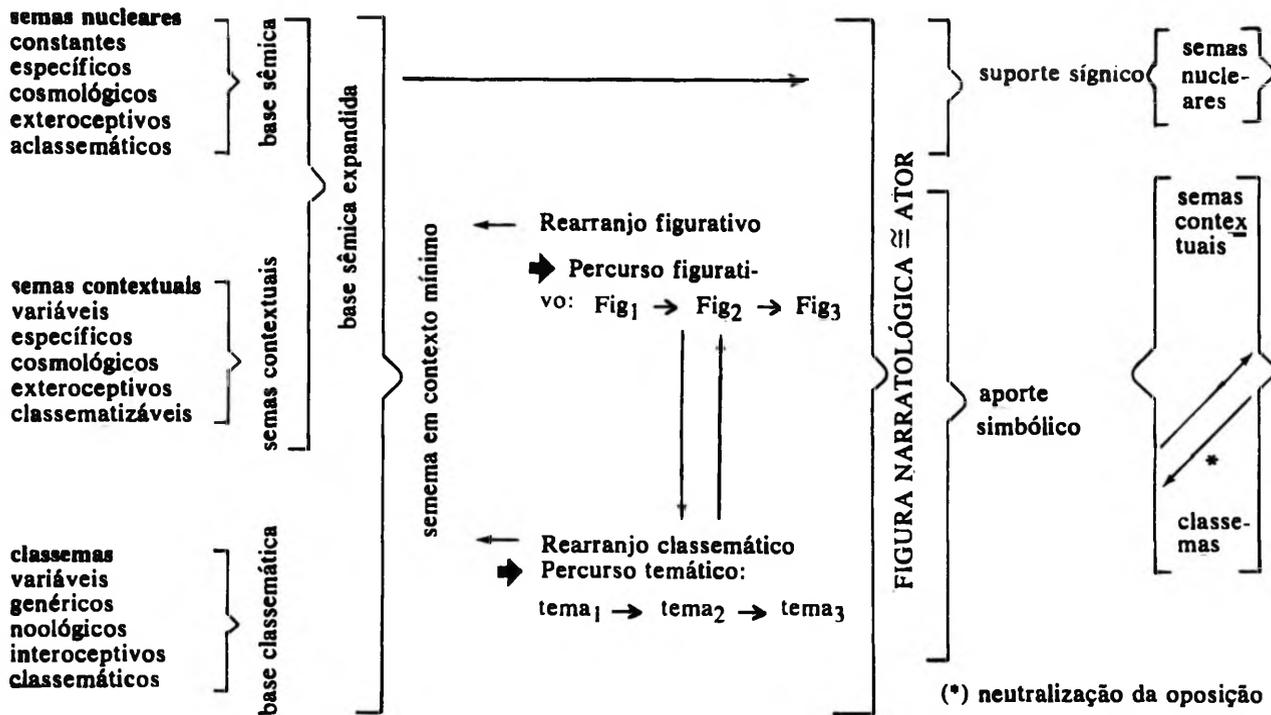


Essa recontextualização é tarefa da discursivização (\cong colocação em discurso) da qual resulta a construção do *ator*. Ela sobrepõe (reveste) a uma configuração *diagramática*² definível pela Gramática Fundamental e pela Gramática Narrativa, uma cobertura classemática e uma cobertura figurativa, explicitáveis — parece-nos — em termos de um rearranjo figurativo, subjacente à constituição do percurso figurativo, e de um rearranjo classemático, responsável pela organização do percurso temático:

Estado₁: SÍGNICO

DISCURSIVIZAÇÃO
(Re) Contextualização

Estado₂: SIMBÓLICO



Enquanto lugar construído pelo e no discurso (que é egocentrado), a figura-ator³ revela-se como o lugar por excelência de constituição da intersemiotividade, isto é, como o lugar ou instância semi-simbólica onde se sincretiza a disjunção MN/LN. Tal sincretismo simboliza a construção pelo homem e para o homem de um lugar dotado de sentido para o seu ser/estar-no-mundo: as figuras narratológicas com que ele pontua (baliza) suas narrativas são a representação miniaturizada desse encontro. Para não alongar mais a questão, volte-mos rapidamente ao *Apólogo* machadiano. Os rearranjos figurativos e classemáticos a que são submetidos aí a *agulha* e a *linha* manifestam percursos temáticos e figurativos opostos:

<p>percursos temáticos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. exercer atividade utilitária vs. exercer atividade estética; 2. comandar vs. ser comandado (≡ ter poder) 3. ser alvo de consideração vs. nobreza; 4. ter status vs. não ter status. 	<p>percursos figurativos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. furar o pano vs. ligar, dar feição (≡ dar forma); 2. ir adiante vs. vir atrás; 3. ir entre os dedos da costureira, unidinha a eles vs. ir no corpo da baronesa; 4. fazer parte do vestido e da elegância vs. ser espetada no corpinho; ir para o salão de baile vs. ficar na saleta de costura; dançar com ministros e diplomatas vs. ir para o balaio das mucamas.
---	---

Entramando-se, esses percursos configuram a transformação

- a) da *agulha* como uma caminhada:
 - da fala ao silêncio;
 - da atividade à passividade;
 - do lugar "distinto" ao lugar ínfimo;
- b) da *linha* como uma caminhada:
 - do silêncio à fala;
 - da passividade à atividade;
 - do lugar "distinto" (saleta) ao lugar nobre (salão de baile).

Atenuadas as oposições entre o *objetual* (que aponta para o MN) e o *humano* (que é do âmbito da LN), *agulha* e *linha* surgem como símbolos, respectivamente, do *trabalho* e da *fruição* do trabalho (alheio).

NOTAS

- (1) O Mundo Natural não é um mundo falado; sua existência enquanto significação não depende exclusivamente da aplicação de categorias linguísticas sobre ele; como a língua, ele é natural no sentido de que é anterior ao indivíduo; como a Língua Natural ele é uma macrossemiótica, no sentido de que deve ser considerado como um lugar de elaboração e de exercício de múltiplas semióticas (Cf. Greimas e Courtés 1983: 291).
- (2) Essa configuração diagramática é a estrutura actorial que é, de acordo com nossa hipótese, constituída de três diagramas-suporte: a) diagrama-suporte estenogramático: tensões sêmicas nucleares (de natureza lógico-conceptual); b) diagrama-suporte narrativo: tensões actanciais (de natureza antropomórfica); c) diagrama-suporte topológico: tensões eu vs. não-eu/tensões aqui vs. não-aqui/tensões agora vs. não-agora.
- (3) Uma figura é — segundo Geninasca (1981: 15) — um lugar construído e meio privilegiado de manipulação e de comunicação de estruturas relacionais hierarquizadas.

Referências bibliográficas

- (1) Assis Silva, I. (1975) — “A configuração semântica do texto”, *Revista de Cultura Vozes*, Vol. LXIX, N° 3, pp. 171-180; (2) Geninasca, J. (1981) - “Place du figuratif” *Actes Sémiotiques: Bulletin*, n° 20: pp. 5-15; (3) Greimas, A. J. (1966) *Sémantique structurale*, Paris: Larousse; (4) Greimas, A. J. & J. Courtés (1983) — *Diccionario de Semiótica* — Tradução, São Paulo: Cultrix.

Araraquara, Dezembro/1984

